

os preços de consumo; pelo contrário, naquele tempo tínhamos abundância, hoje vivemos em regime de escassez.

Há quem diga que a situação estatística é magnífica. A situação estatística dos estoques o é, de fato. Mas é lamentável para nós, produtores, que colhamos pouco, ou seja o insuficiente para pagar nossas responsabilidades. Oxalá tivéssemos colhido mais. Oxalá minha fazenda, em vez de vinte e seis arrobas, no ano passado, tivesse produzido cinquenta e duas, por mil pés. Oxalá o Estado de São Paulo tivesse produzido o dobro.

A realidade é que nós precisamos assegurar os preços para que subsista o café, mercadoria que é privilégio do Brasil, que é o ouro do país, de que depende a própria vida nacional e até a sua segurança. Os destróiers que acabamos de comprar são café, transformado em aço para defesa do país.

A defesa do preço do produto só se pôde fazer por um processo: o financiamento. O financiamento ali está, pôde e deve ser realizado imediatamente, porque não estamos mais em momento de cogitar da criação de organismos novos. Temos o Banco do Brasil com a sua Carteira. E parece-nos até — recordo-me com saudade evocando seu nome — que o ilústre Senador Salgado Filho tinha um estudo a respeito, que enviou ao Congresso e que lá deve estar transitando, em que se pedia o financiamento na base de cêrca de cento e oitenta cruzeiros por dez quilos.

Nesse projeto, em que tive ocasião de opinar, pedia-se, também, que o Bancó do Brasil obviasse as dificuldades através de um sistema perfeito e experimentado pelo próprio Banco do Brasil, financiando o café onde quer que ele se encontre, onde haja uma casinha capaz de abrigá-lo, entregando-se o prédio em comodato, para financiamento adequado.

Seria um sistema de crédito específico para o qual o Banco do Brasil, com seus funcionários reconhecidamente notáveis, está perfeitamente aparelhado.

Haveria financiamento, distribuído de maneira útil e em bases compatíveis com os custos da produção, capazes de assegurar a remuneração do trabalho. Seria, enfim, o meio de se defender pura e simplesmente o preço.

E digo isto porque o financiamento insuficiente é desmoralizador do mercado, a maior arma baixista que se conhece! (*Muito bem*).

Quanto aos mercados, estamos todos de pleno acôrdo. Carecemos do mercado europeu justamente porque não devemos fomentar o monopólio de compras, arma perigosa. Ai de nós, se tivéssemos um só comprador no país. E' uma questão de propaganda eminentemente comercial.

Ainda neste momento, uma senhora, que esteve nos Estados Unidos, insinuou-me a necessidade de uma campanha junto às donas de casa. Seria fácil de se sugerir a idéia ao nosso Bureau. Mas, essa campanha precisa ser feita também em Paris, onde o mercado de um milhão de sacas podia ser recuperado. Outro tanto em Genova e Hamburgo.

Com essas medidas, estou certo, teríamos moralizado a situação dos mercados de café, estabelecido a confiança e, sobretudo, levado ao consumidor, quer nacional, quer estrangeiro, a certeza de que ele não está pagando demais pelo café que bebe, que ele não está concorrendo para o enriquecimento ilícito de alguns aventureiros, mas, sim, retribuindo, apenas, o preço do suor do rosto de milhões de brasileiros no sentido desta produção básica, que é a do café.

E' este o ponto de vista da Sociedade Rural Brasileira.

Agora a vez da mecanização da cultura do Café

TRATOR "MICRON"

O pequeno colosso que revoluciona a lavoura. O único trator de esteiras capaz de operar com facilidade dentro de qualquer tipo de coléza, devido a sua diminuta largura de 90 centímetros. Adaptado com polvilheira adequada, produz resultados extraordinários.

TRATOR « MICRON »

Da Fabrica Nazionale di Armi di Brescia (Italia)

MOTOR ISOTTA FRASCHINI

Presta-se perfeitamente a cultivo, sulcamento para adubar o preparo do solo com os implementos necessários. A polia de força move máquinas de beneficiar ou de preparo de produtos agrícolas e ligada a dínamo fornece energia elétrica.

TRATOR « MICRON »

vai até onde as grandes máquinas não chegam

Para Pronta Entrega

DISTRIBUIDORA:

ARNO S. A.
INDÚSTRIA E COMÉRCIO
São Paulo, Cx. Postal, 217-B - Telefone 3-5111
Matriz: R. José Bonifácio, 209
Telegr.: ARNOMARES

